

BOAS PRÁTICAS

A fraude e suas ondas de choque

Quando um artigo científico é retratado, ou seja, desqualificado pela revista que o publicou devido à descoberta de erros ou fraudes, o impacto pode espalhar-se por toda a comunidade de pesquisadores que estuda temas correlatos ao do *paper* proscrito. A constatação foi feita com base na análise de 1.104 retratações de artigos que haviam sido divulgados na base de dados PubMed. Segundo o *blog* de notícias da revista *Nature*, um estudo publicado pelo National Bureau of Economic Research selecionou artigos sobre temas similares aos *papers* retratados, mas escritos por outros autores. Constatou-se que, após a retratação, caíram em 5,7% as citações dos artigos correlatos, em comparação com o que aconteceu com uma seleção de artigos não relacionados, usada como grupo de controle. Mais impressionante ainda foi o efeito no financiamento de pesquisas relacionadas aos artigos suspensos. Como o PubMed monitora os investimentos dos Institutos Nacionais de Saúde (NIH) nas pesquisas que originaram os artigos, foi possível constatar que o financiamento a estudos correlatos caiu entre 50% e 73% após as retratações. “O impacto no financiamento foi bastante significativo”, diz o economista Pierre Azoulay, da Sloan School of Management do Massachusetts Institute of Technology (MIT), autor principal do estudo. Azoulay e seus colegas acreditam que há duas explicações para o efeito-cascata. Ou os cientistas perceberam que o campo de conhecimento é mais limitado do que parecia, ou então eles decidiram tomar distância da área com receio de serem associados à polêmica. A segunda hipótese

parece mais provável, uma vez que o efeito é mais destacado quando o motivo da retratação foi vinculado a má conduta, e menos significativo quando se tratou de um erro não proposital. Um exemplo citado pelo estudo é o do sul-coreano Woo Suk-Hwang, que em 2005 anunciou num artigo publicado na revista *Science* o sucesso na clonagem de embriões humanos para obtenção de células-tronco (ver Pesquisa FAPESP nº 120). Como é natural, muitos pesquisadores tentaram reproduzir o experimento que, na verdade, era fraudulento. Mas, depois que o artigo foi retratado, o governo sul-coreano cortou à metade os investimentos na pesquisa de células-tronco embrionárias e muitos pesquisadores abandonaram esse campo. Uma solução para evitar prejuízos, diz Azoulay, é desenvolver um sistema



de codificação para retratações, de modo a tornar transparente o motivo da desqualificação do artigo. Ele reconhece que os editores não devem gostar da sugestão, pois seriam forçados a contar claramente o que aconteceu com o artigo removido.

Transparência nos ensaios clínicos

A revista científica *BMJ* (sigla para *British Medical Journal*), uma das mais influentes da pesquisa médica, anunciou que a partir de janeiro só publicará artigos envolvendo resultados de testes clínicos de medicamentos se as indústrias farmacêuticas patrocinadoras tornarem disponíveis os dados sobre os pacientes participantes dos estudos. Num editorial publicado no final de outubro, a editora da *BMJ*, Fiona Godlee, convocou as demais revistas a fazer a mesma coisa e exortou as indústrias a divulgar os dados dos testes de todas as suas drogas aprovadas. “A indústria farmacêutica faz muitas coisas boas. Ela produz medicamentos que podem

melhorar a saúde e salvar vidas. Infelizmente ela faz coisas ruins também. De forma persistente e sistemática ao longo de décadas, tem retido e deturpado dados de ensaios clínicos”, diz o editorial. A *BMJ* elogiou o anúncio recente feito pela GlaxoSmithKline de disponibilizar os dados sobre os testes clínicos requeridos por revistas científicas e criticou a Roche, que há três anos se recusa a fazer o mesmo sobre os ensaios do antiviral Tamiflu (oseltamivir), solicitados por um grupo de pesquisa comissionado pelo governo do Reino Unido para avaliar a eficácia dos inibidores de neuraminidase, família de medicamentos a que o Tamiflu pertence.